

## O SIMBOLISMO DA BANDEIRA NACIONAL BRASILEIRA

*Rubens de Azevedo*

São decorridos 93 anos da instituição da atual Bandeira Republicana do Brasil. Calcada que foi na Bandeira Real de D. Pedro I, desenhada por Jean-Baptiste Debret, sob a orientação de José Bonifácio e do próprio D. Pedro, a atual Bandeira é um exemplo de extraordinário simbolismo: contém toda a simbologia brasileira e vai mais além no passado, mostrando as tradições de Portugal e da Península Ibérica, atingindo mesmo a França. Sob esse aspecto é a nossa Bandeira única em todo o mundo.

Começemos pelas suas cores. De onde nos vem o *verde*? Das profundezas da história do mundo. Representa o primeiro objeto que funcionou como bandeira — os galhos das árvores. O culto da árvore remonta à Babilônia e ao Egito antigo. Havia, na Mesopotâmia, uma “árvore sagrada”. Segundo a Bíblia, é sob a Árvore da Sabedoria e da Vida que se inicia a saga humana. Em Roma, os soldados empunhavam o manípulo, feixe de folhas verdes atadas às lanças. Os árabes, em meio às guerras entre várias dinastias, escolheram o verde das plantas como cor oficial do Islão.

Os Lusos nasceram sob o signo do verde — era esta a cor do Dragão desenhado no estandarte de Viriato; a Casa de Aviz tinha essa cor por emblema, o mesmo acontecendo com as bandeiras de D. João I, Nuno Álvares e Dom Pedro II, de Portugal. O verde era, também, a cor da Casa de Bragança e foi o verde escolhido por D. Pedro I, do Brasil, para a nossa Bandeira Imperial.

O *azul* nos leva às origens do Condado Portucalense e da própria nacionalidade lusitana; homenageia, também, Nossa Senhora, Padroeira de Portugal e do Brasil.

O *branco*, soma de todas as cores, conforme nos ensina a ciência, representa a plenitude do ser e do poder e a ausência de sentimentos belicosos, ameaças e insegurança, como nos afirma Pedro Calmon, que considera nosso Pendão como “idealista, limpo de ódios históricos, de intenções agônicas, de desesperos épicos”.

O *amarelo* era a cor representativa das Casas de Castela e de Lorena e figura em todas as bandeiras de Portugal e do Brasil — aqui aparecendo através do ouro da Esfera Armilar da bandeira do Principado do Brasil, nossa primeira bandeira, instituída por D. João IV.

As cores da nossa Bandeira justificam-se, portanto, dentro do processo de nossa formação histórica.

O desenho da Bandeira, criticado pelos estetas, tem sua justificativa: se, como dizem alguns heraldistas, o desenho é primitivo, leva-nos, por isso mesmo “à fase do desenvolvimento intelectual e artístico do homem primitivo e das crianças de todos os tempos”, no dizer de Raimundo Olavo Coimbra, grande historiador da nossa Bandeira. O losango, conforme o mesmo autor, “é a representação da Mulher, em sua tarefa de mãe, irmã, esposa e filha, sendo recordação, também, e de novo, da principal Mulher do Cristianismo”.

Quanto ao globo azul, ou seja, à Esfera Armilar existente na Bandeira, é um símbolo de particular interesse para os estudiosos. Representa a Astronomia e a Navegação, e é símbolo aproveitado por D. Manoel, sob cujo reinado foi descoberto o Brasil. A Esfera continuou presente nas bandeiras que se seguiram, como a do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve e a Bandeira Imperial de Dom Pedro I. Hoje ela se mostra simbolicamente em nossa Bandeira, como um Pálio azul estrelado.

O Céu representa em nossa Bandeira, o momento em que se proclamou a República e ostenta as principais constelações que brilhavam no céu, na madrugada de 15 de novembro de 1899, e cujo aspecto se repete todos os anos. “Enquanto o mundo for mundo — diz o civilista José Feliciano — o aspecto da Bandeira lembrará os fundamentos celestes de nossa querida pátria. Nenhum 15 de novembro passará sem que o céu paire sobre nós, como indefectível bênção, como sacro testemunho, a rever os nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar”.

No céu da Bandeira, as estrelas simbolizam os Estados da Federação, como já representavam, em círculo, as províncias imperiais. Agora, elas se projetam irregularmente e em tamanhos diversos, numa aparente desordem que nada mais é do que a simbolização do nosso pensamento democrático. Todos os astros da Bandeira, como os do céu, giram ao redor de uma pequena estrela, que representa o fulcro, a origem mesma do progresso todo: nossa Estrela Polar, Sigma do Oitante. É o Distrito Federal pólo de nossa organização, centro de decisões do País. É o sinal permanente de nossa organização federativa.

Vemos na Bandeira as belas estrelas Sirius, a Sopdet egípcia, representação de Ísis, cujas lágrimas originaram o Nilo; Procyon, a Estrela da Síria; Canopus, alfa do Navio, simboliza a viagem de Jasão à Cólquida, na busca do Velocino de Ouro. Patente está a nossa homenagem ao berço das civilizações do mundo e às grandes navegações da Antigüidade.

Mas não é só: brilha, ali, também, o Cruzeiro do Sul, que Gustavo Barroso descreve assim:

“Impressa viste a Cruz nas brancas velas  
dos fortes galeões peninsulares;  
mas no teu céu já Deus a pendurara  
como penhor divino do futuro”.

O Cruzeiro nos lembra, também, os primeiros nomes da nossa Terra — Vera Cruz e Santa Cruz; mostra, ainda, que o Brasil se encontra, quase todo, sob o céu meridional. Na Bandeira o Cruzeiro simboliza a Cruz de Cristo, assinalada nas velas das caravelas cabralinas. E também a gratidão dos brasileiros aos missionários que nos trouxeram, no dizer de Olavo Coimbra: “um arcabouço cultural tão forte que unificou nosso País numa só grande nação”. O Cruzeiro é, ainda, a estilização das Quinas Portuguesas. Alypio Bandeira, em seu poema “A Mais Bela”, declara:

“Do Porvir, do Presente e do Passado,  
pátrios e humanos claramente fala,  
e por obra do acaso afortunado,  
o Céu do Quinze, altíssimo, propala”.

A faixa branca que cinge, obliquamente, a Esfera,  
“corta o Globo, dois terços dominando,  
a planetária zona reclinada”.

Seria ela a faixa zodiacal, o caminho dos mundos, região do céu por onde caminham o Sol, a Lua e os planetas; mas pode representar, também, o Equador; muitos nela vêem uma imagem do rio Amazonas.

Muitos heraldistas criticam a divisa inscrita na faixa, declarando ser um erro inscrever qualquer divisa numa bandeira ou estandarte. Se erro for, não estamos sós, pois em todas as bandeiras militares americanas, anteriores à Independência, há dísticos — a maioria deles em latim. Ainda hoje, boa parte dos pavilhões estadunidenses conservam legendas, como os de Arkansas, Califórnia, Idaho, Kansas, Kentucky, Lousiânia, Iowa, Dakota do Norte e do Sul, Oregon. Rosas, no auge do seu absolutismo, inscreveu em sua bandeira o lema “Federação ou Morte!” contradizendo, por sinal, a sua política unitária. No Brasil Holandês, não tivemos o monograma da Companhia das Índias Ocidentais, combinando com o nome de Maurício de Nassau?

Vários países ostentam, hoje ainda, frases em suas bandeiras, além do Brasil: Arábia Saudita, Sikkim, Ruanda, Ilhas Virgens, Guam, Afeganistão, Espanha, Guatemala, Nicarágua, Guiné e Paraguai.

Olavo Coimbra lembra que a legenda recorda o culto que temos pelo nosso idioma: “o idioma nacional se injeta na estrutura simbólica da Pátria, alegrando os olhos e os ouvidos de brasileiros, principalmente quando no exterior”.

A Bandeira nacional representa o coroamento de um projeto que vem de longe, atravessando os séculos. Não é trabalho de um só indivíduo e sim, como declarou Polli Coelho, “obra coletiva, símbolo perfeito que é da nacionalidade passada, presente e futura”.